



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

POR QUE A ESCOLA INDÍGENA É MASCULINA?

João Carlos Gomes¹

Kássia Priscilla Gonçalves de Almeida²

Vanderleia Barbosa da Silva³

Resumo: O presente estudo é resultado do projeto “Pedagogia da Roda”, no âmbito da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), vinculado à Pró-Reitoria de Cultura, Extensão e Assuntos Estudantis (PROCEA), que tem como objetivo a realização de diálogos interculturais, visando à formação de professores e à criação de espaços de vivências acadêmicas com a rede pública de ensino da cidade de Ji-Paraná, no Estado de Rondônia. O estudo deste artigo é resultado de diálogos interculturais realizados com os professores de escola indígena do Estado de Rondônia e Noroeste de Mato Grosso, relacionado à construção da identidade do masculino e feminino no âmbito da Licenciatura em Educação Básica Intercultural, oferecida pelo Departamento de Educação Intercultural (DEINTER), campus de Ji-Paraná, Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

Palavras-chave: Gênero. Identidade. Masculino e feminino.

¹ Docente e pesquisador da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) – Departamento de Educação Intercultural – Campus de Ji-Paraná – Grupo de pesquisa em educação PRAXIS. URL: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=7540708NWA8JW9> E-mail: joaoguato@gmail.com

² Acadêmica do Curso de Física da UNIR de Ji-Paraná, bolsista do programa PIBIC. Grupo de pesquisa em Educação PRAXIS. URL: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=7540708NWA8JW9> E-mail: kassia_opo@hotmail.com

³ Acadêmica do Curso de Pedagogia da UNIR de Ji-Paraná, bolsista do programa PIBIC. Grupo de pesquisa em educação PRAXIS. URL: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=7540708NWA8JW9> E-mail: vanderleiabarbosa.unir@gmail.com

ABSTRATC: This study is the result of the project 'Pedagogy of the Wheel' under the Federal University of Rondônia, linked to Dean of Culture, Extension and Student Affairs, which aims to carry out intercultural dialogues, aimed at training teachers and the creation of spaces for academic experiences with the public school system of the city of Ji-Paraná in the state of Rondônia. The study of this article is the result of intercultural dialogues conducted with the school teachers of the Indian state of Rondônia and Mato Grosso Northwest related to identity construction of male and female within the Intercultural Degree in Elementary Education, offered by the Department of Intercultural Education - campus Ji-Paraná Federal University of Rondônia.

Key words: Gender. Identity. Male and female.

Contextualização

A complexidade do ser humano na construção das identidades do masculino e feminino tem passado por diversas fases do desenvolvimento humano. Em cada uma destas fases existe uma relação histórica e social que determina a construção das identidades entre masculino e feminino, principalmente entre os povos indígenas, que possuem uma forte hierarquia de poder marcada pelo masculino.

Para Lasmar (1998, p. 163), no contexto dos povos indígenas, “a ideologia do antagonismo sexual é uma característica marcante das sociedades indígenas amazônicas”. Segundo a autora, embora essas manifestações apresentem variações significativas, em intensidade e conteúdo, é nas práticas afins que elas assumem formas particulares de seu potencial simbólico de antagonismo entre os sexos.

A autora nos mostra que o antagonismo sexual dos indígenas amazônicos pode ser descrito como complexo ideológico, sustentado por uma série de mitos e rituais, que tematizam as relações entre os sexos e enfatizam as diferenças em termos de poder e status, definindo homens e mulheres como grupos antagônicos que desempenham papéis sociais diferentes.

Dessa forma, este estudo almeja compreender como são construídas as identidades do “ser homem” e “ser mulher”, praticado pelos povos indígenas de Rondônia. Neste sentido, a pergunta motivadora deste estudo foi: por que a escola indígena tem mais homens do que mulheres no exercício do magistério? Se formos estabelecer um paralelo com o magistério dos não indígenas, percebe-se que a maioria é de mulheres.

Para análise do estudo foi utilizada a metodologia das representações sociais, que considera que quando uma pessoa ou uma coletividade tem um pensamento sobre um dado tema está-se dizendo que ela professa, ou adota, ou usa vários discursos sobre o tema.

Através da identificação de pontos-chave do discurso do sujeito coletivo, esta pesquisa buscou compreender e interpretar os papéis antagonísticos dos homens e das mulheres indígenas no contexto da educação escolar indígena. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005, p. 14)

Diante desses dados, buscou-se compreender, no contexto das populações indígenas do Estado de Rondônia, o antagonismo sexual atribuído por um grupo de nove (9) acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural das etnias Sabanê, Cao Oraje, Oro Waran Xijein, Puruborá, Canoé, Jaboti, Oro Mon, Gavião e Arara. Foram colhidas as narrativas de cada etnia, sendo que cada uma delas versa sobre a construção das identidades do masculino e feminino no contexto dos povos indígenas.

Os nove acadêmicos ouvidos são membros do curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural, Departamento de Educação Intercultural, Campus da Universidade Federal de Rondônia (UNiR) de Ji-Paraná, que tem 136 professores da escola indígena em processo de formação. Além disso, o Estado de Rondônia abriga 38 sociedades indígenas, o que lhe confere características de um estado pluricultural e multilinguístico.

Refletindo as identidades do masculino e feminino

Numa reflexão das representações das identidades do masculino e feminino, voltada para uma nova consciência do encontro das diferenças, Boff (2002, p. 45) mostra-nos que, desde os primórdios, a racionalidade, a linguagem e a espiritualidade são fatores determinantes na construção do ser humano.

Nesse contexto, o autor revela que para onde quer que orientemos a análise, vemos diferença dentro da unidade. Dessa forma, ele assegura que os estudos transculturais de recortes da fenomenologia sexual, da antropologia cultural, da psicologia diferencial e outros, levantam um número de dados a esse respeito.

[...] Em todos eles, o ser humano aparece sexuado masculina e femininamente, seja no seu corpo que jamais é uma coisa, mas uma situação no mundo com os outros e diante dos outros, seja fenomenologicamente emergindo como ser-homem e ser-mulher – duas maneiras não exclusivas de ser dentro da realidade. Uma maneira de ser aparece como trabalho, agressão e transformação – atribuído ao masculino, mas pertencendo também o feminino –, e outra, como cuidado, coexistência e comunhão com a realidade – referida ao feminino, mas fazendo parte do masculino. (BOFF, 2002)

Dessa forma, as diferenças do antagonismo sexual dos povos indígenas amazônicos resultam da elaboração sociocultural dos momentos históricos das diversas etnias, sendo que

sempre houve regras, conceitos e normas que fizeram parte da vida das civilizações humanas (desde as manifestações mais simples às mais complexas), e este conjunto de leis e regras passadas de geração em geração foi a cada ano atribuindo os valores e as formas de agir e viver de homens e mulheres no contexto das sociedades indígenas.

Na tentativa de compreender o antagonismo sexual dos acadêmicos da Licenciatura em Educação Básica Intercultural do campus da Universidade Federal de Rondônia, na cidade de Ji-Paraná, realizamos alguns recortes das narrativas orais que revelam as representações coletadas com os membros de nove etnias sobre o porquê de a escola indígena ser masculina.

Boff (2002, p. 43) nos ajuda nas análises das respostas dos nossos informantes, considerando que, no pensamento patriarcal ocidental, do ponto de vista histórico da construção das identidades do masculino e feminino, a adaptação da humanidade às diversas fases do desenvolvimento humano não ocorreu por meio da violência e, sim, pela solidariedade e fraternidade entre os diversos povos, culturas e etnias. Segundo o autor, em todas elas o ser humano foi capaz de entender-se no conjunto dos seres e decifrar o elo que o liga ao Universo e à fonte originária de todo ser.

As relações culturais como determinantes do antagonismo sexual

Para que possamos compreender o antagonismo sexual atribuído aos homens e às mulheres indígenas, faz-se necessário entender como foram construídas essas formas de pensamento. Neste sentido, os nossos informantes apontaram as relações culturais como fator histórico da divisão social nas comunidades indígenas.

[...] Em minha opinião a escola indígena é masculina por duas coisas: por questão cultural e o número de pessoas que frequentam a escola. [...] Hoje o meu povo está muito relacionado a uma cultura tradicional, onde é mais fácil um homem sair fora para estudar que uma mulher. Geralmente elas casam cedo e acaba dificultando para a mulher o acesso à educação superior. Para mim isso é uma questão cultural do meu povo. Em relação à escola, uma mulher vai estudar, mas tem filhos para cuidar. Como ela precisa cuidar da casa, acaba influenciando no tempo dela. Agora o homem é mais livre e tem mais liberdade. É ele que precisa estar ali. É o chefe da família e a liderança dentro da comunidade. É diferente de uma mulher. As nossas mulheres é muito ingênua ainda com aquilo se pode encontrar fora da aldeia. Portanto, é uma questão cultural, tradicional, que na educação indígena influencia a permanência da mulher na escola.

Essa resposta demonstra uma concepção nativa do poder masculino sobre o feminino, estabelecendo uma dominação dos homens na estrutura social das comunidades indígenas.

Dessa forma, podemos considerar que até mesmo nas sociedades remanescentes de culturas primitivas existe um conjunto de regras que define os papéis sociais dos indivíduos em virtude dos corpos sexualizados.

Na transmutação das identidades dos corpos sexualizados, nota-se que esse tipo de discurso defendido na narrativa indígena explícita que na estrutura social dos povos indígenas em estudo existe um terreno fértil para aplicação da equação clássica e polêmica da antropologia de gênero, que associa a mulher à esfera privada e o homem à esfera pública⁴. Nessa categoria de análise percebe-se, pelo discurso, a delimitação de uma divisão antagônica que determina o papel privado às mulheres e o público aos homens.

Com a determinação do público como espaço masculino, a determinação antagônica das identidades sexuais dos povos indígenas traz uma demonstração cabal de que o papel do homem é de interação com o mundo exterior nas relações sociais. E as mulheres ficam segregadas ao espaço privado, que limita suas relações sociais à esfera doméstica – ficando limitadas a cuidar dos alimentos, da casa, das crianças, entre outras coisas limitantes dos espaços privados.

Para aprofundar a nossa análise, trazemos a narrativa de um indígena do sexo masculino que fez parte do grupo de informantes deste estudo, que não aceita que a escola indígena seja chamada de masculina. Ele atribui ao sexo masculino a responsabilidade de conquistar os espaços de acesso ao ensino superior por se tratar de algo complexo para ser desempenhado pelas mulheres. Para ele, deixar a aldeia e vir para a cidade enfrentar a diversidade urbana e a complexidade da educação acadêmica é papel exclusivo dos homens.

[...] Eu não vejo que a escola indígena é masculina. Para mim é como qualquer escola. A escola indígena é masculina porque os homens são tomando frente lutando por mais espaço na educação indígena. Nós lutamos para conseguir chegar a professor. Não é porque não demos oportunidades para as mulheres. Foi porque elas não tiveram condições financeiras, falta de transporte e moradia. As meninas não tiveram oportunidade. Para chegarmos até esse ponto tivemos que lutar bastante, sofrer muito, passar fome, necessidade; brigar com os políticos para sermos reconhecidos. Foi devido às dificuldades que passamos que não permitiu que as meninas acompanhassem a luta pelo acesso à educação. Nós homens estamos quebrando essa barreira, nós estamos abrindo caminho para todos, seja homens ou mulheres.

⁴O público/privado é uma categoria de análise que é utilizada para classificar o espaço do lar como privado e o público como espaços sociais de emancipação de homens e mulheres.

Em outras palavras, a depreciação cultural da mulher é construída por uma ideologia masculina adquirida, o hibridismo cultural⁵. Todavia, a literatura verificada nos mostra que não resta dúvida que os papéis sociais de homens e mulheres passaram a ser divididos, de modo que cada um tem responsabilidades antagônicas. Com isso, percebe-se que historicamente sempre coube à mulher cultivar, cuidar das crianças e da casa, pois essa era considerada a concepção nativa do ser mulher. Dessa forma, na cultura indígena, a divisão dos papéis sociais antagônicos não é vista pelos homens como opressão, mas as mulheres não concordam e reclamam o direito à emancipação da segregação sexual.

[...] Eles falam que não tem machismo, mas é cheio de machismo por parte deles, mas que a gente vai vencer essa batalha. A gente vai alcançar outros cargos que não seja só ser mãe. [...] Estamos criando nosso espaço, vai demorar um pouco para os homens aceitarem que temos essa competência igual a eles, mas que a gente pode, além de ser mãe, ser mulher, ser dona de casa, a gente também pode ser liderança e professora. A gente pode assumir esses cargos que hoje em dia são masculinos.

Dessa forma, o antagonismo sexual entre homens e mulheres indígenas possui regras sociológicas que caracterizam uma forte opressão dos valores culturais das sociedades não indígenas, o que acaba causando um hibridismo cultural nas relações de gênero no contexto dos povos indígenas.

[...] a mulher se predispôs a tarefas ligadas à produção, conservação e desenvolvimento da vida [...] as mulheres estão muito mais ligadas à pessoa que ao objeto [...] são mais centradas nas teias de relações, entregues ao cuidado da vida, sensíveis ao universo simbólico e espiritual, capazes em comunhão com o diferente. (BOFF, 2002 p. 49)

Numa tentativa da descrição de uma nova consciência para o encontro das diferenças, Boff (2002, p. 49) comenta que da mesma forma que a mulher, o homem também teve seu papel elaborado socioculturalmente com base nas diferenças historicamente construídas, sendo atribuídas aos homens as tarefas mais ligadas ao perigo físico, à conquista territorial, à dominação e ao jogo de poder sobre os outros. É isto que os estudos transculturais geralmente têm mostrado, entre outras características atribuídas ao antagonismo dos sexos masculino e feminino.

⁵Stuart Hall – tradução de Tomas Tadeus da Silva e Guacira Lopes Louro – mostra, em “A identidade cultural na pós-modernidade”, que o hibridismo cultural trata de integração do sujeito a outras culturas que não seja a sua. Ocorre uma fusão entre diferentes tradições culturais produzindo novas formas de culturas, tornando-as híbridas.

[...] o homem, por sua vez, está mais ligado a objetos que a pessoas e, no processo de produção, tende a tratar as pessoas como objetos, como “material humano”. Mais ainda: os homens são inclinados a correr riscos, a conquistar status e o poder com as suas iniciativas e a afirmar-se individualisticamente, se possível, no topo da hierarquia. (BOFF, 2002, p. 49)

Entretanto, nos dias atuais é comum encontrar homens e mulheres que, aos olhos da sociedade ocidental, estão com seus papéis “trocados”, como, por exemplo, a mulher operando máquinas pesadas, na construção, administrando grandes empresas (entre outros cargos denominados masculinos), ou os homens trabalhando de diarista, cabeleireiro, cuidando de crianças, entre tantos outros cargos tachados ideologicamente como atividades exclusivas das mulheres.

E essas mudanças de padrões culturais alcançaram as comunidades indígenas, que têm buscado cotidianamente assimilar a cultura da “chamada sociedade envolvente” que é adquirida no meio acadêmico com os povos indígenas, conquistando novos espaços de poder por meio da educação superior. Nessa busca de poder por meio do conhecimento acadêmico, os povos indígenas têm sido levados ao distanciamento em relação à cultura tradicional, ao adquirir novos conhecimentos da educação superior, em que a ciência é masculina e (quase) toda a produção intelectual é predominantemente masculina⁶.

A superação das diferenças do masculino e feminino

O processo de globalização implica um movimento de distanciamento da ideia sociológica clássica da “sociedade” como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço (Giddens, 1990, p. 64, *apud* Hall, 2006, p. 68). Dessa forma, não resta dúvida que o discurso da superação das diferenças chegou até os povos indígenas sem levar em conta o contexto cultural em que eles vivem, estabelecendo um forte antagonismo na divisão dos papéis sociais entre homens e mulheres. De certa forma, as mulheres nas sociedades indígenas começam a despertar para a necessidade de emancipação e começam a assumir o hibridismo cultural dos não indígenas ocidentais pela libertação do antagonismo sexual, como nos revelam as narrativas orais dos informantes deste estudo.

⁶Recomendamos como referência para essa discussão o livro de Attico Inácio Chassot “A ciência é masculina? É sim, senhora!”. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2003.

[...] Não é falando mal nem discriminando, mas na cultura indígena as meninas não pensam muito em estudar, pensam mais em casar. [...] mas mesmo assim como professora eu incentivo muito as minhas alunas para estudar, não tem que ser só os homens, tem que ter mais mulheres, se nós professoras e os homens que também são professores tentarem conversar com as meninas a gente pode virar esse jogo.

[...] Eu vejo que nós estamos criando nosso espaço, vai demorar um pouco para os homens aceitarem que nós temos essa competência igual a eles, mas que a gente pode ir além de ser mãe, ser mulher, ser dona de casa. A gente pode ser uma boa liderança, boa professora. A gente pode assumir esses cargos que hoje em dia são masculinos, que eles falam não ter machismo, mas que é cheio de machismo por parte deles, é.

O discurso das narrativas registradas nos mostra que o fator cultural influencia em muitos aspectos o desenvolvimento social entre os povos indígenas. E a vida em comunidade determina uma complexidade de razões culturais referente aos papéis sociais atribuídos ao antagonismo dos homens e das mulheres indígenas. Com isso, os homens indígenas acabam justificando que a maternidade torna as mulheres indígenas mais frágeis, reduzindo-as ao espaço privado do lar.

[...] creio que o espaço para as mulheres nas sociedades indígenas ainda é muito pouco, pois logo quando nasce uma menina nas comunidades a família quer logo que ela case e tenha filhos, tornando difícil para as mulheres continuar nos estudos. Dentro da aldeia até que não é muito difícil ela estudar, pois ela pode deixar os filhos com a mãe, mas sair da aldeia e vir estudar na cidade é mais difícil. Tem caso também de marido que não deixa. E pai que não deixa com medo que ela se envolva com outras coisas que não seja estudo. Há preconceito porque acham que a menina é mais ingênua e ela pode se envolver com outras coisas que não seja só estudo.

[...] As mulheres indígenas têm dificuldade de sair da aldeia para estudar, sempre foi o homem que teve mais interesse. As meninas casam muito cedo e têm dificuldade de frequentar a escola. Com isso o papel da mulher é só ficar em casa e na aldeia.

[...] Na minha comunidade as meninas indígenas quando começam a estudar o professor pede para fazer um debate, uma discussão, elas são muito tímidas. Nós professores temos que orientar para incentivar essas jovens a perder a timidez.

Lasmar (1998, p. 184) nos revela que as negações da identidade feminina nas comunidades indígenas amazônicas costumam vir atreladas a características negativas impossíveis de serem disfarçadas nas narrativas masculinas. Para a autora existe uma

valorização crescente da cultural ocidental, que é compreensível diante da pressão exercida pelas pedagogias cristãs dos missionários (evangélicos e católicos) que têm enfraquecido os modelos cosmológicos e comportamentais das culturas indígenas tradicionais.

Na tentativa de compreender a diversidade cultural do antagonismo sexual dos povos indígenas da Amazônia, Laraia (2009, p. 70) nos revela que dentro de uma mesma cultura a utilização do corpo é diferenciada em função do sexo, onde todos os homens são dotados do mesmo equipamento anatômico, mas a utilização do mesmo, ao invés de ser determinada geneticamente, depende de um aprendizado e este consiste na cópia de padrões que fazem parte da herança cultural dos grupos indígenas.

É comum, nas culturas ocidentais, os pais, juntamente com sua comunidade, criarem expectativas referentes à vida e ao destino da criança, antes de seu nascimento. Então, ao nascer, ela se depara com um mundo cheio de regras e restrições já estabelecidas, não tendo a possibilidade de contestar, apenas viver e adequar-se conforme as regras estabelecidas. Nas comunidades indígenas essas expectativas também estão presentes, principalmente no nascimento do filho do sexo masculino (Arruda & Martins, 1993 p. 6).

O mundo cultural é um sistema de significados estabelecidos por outros, de modo que, ao nascer, a criança encontra um mundo cheio de valores concebidos no qual ela precisa se situar. A língua que se aprende, a maneira de se alimentar, o jeito de sentar, andar, correr, brincar, o tom da voz nas conversas, as relações familiares, tudo se encontra codificado. Até na emoção, que parece uma manifestação espontânea, o homem fica à mercê de regras que dirigem de certa forma a sua expressão (Arruda & Martins, 1993 p. 6).

A determinação cultural do masculino e feminino

Por meio das narrativas orais, os nossos informantes revelam que as relações culturais determinam a existência de maioria de homens na escola indígena. Todavia, percebe-se uma inquietação nos depoimentos que transmite uma rede de significados e símbolos que precisam ser desvendados para a compreensão do antagonismo sexual das identidades do masculino e feminino no universo dos povos indígenas da Amazônia. Na maioria das narrativas é forte a presença do antagonismo sexual entre homens e mulheres, o que revela a presença da cultura machista.

[...] Acho que muitas vezes os homens indígenas são muito machistas, vamos dizer assim: as mulheres deles não têm oportunidades. Eu acho que tem que falar a mesma voz, dar a mesma opinião.

[...] Na nossa cultura todo mundo participa. Tanto os homens como as mulheres comandam a festa. As mulheres organizam a pescaria e a caçada. Agora, na questão da educação escolar indígena, é crítica.

Michaelis (2006, p. 303) revela que a cultura do machismo ocidental é compreendida como um comportamento de quem não admite a igualdade de direitos para homens e mulheres. Porém, Geiger (2008, p. 638) afirma que o machismo se conceitua como opinião ou procedimentos discriminatórios que negam às mulheres as mesmas condições sociais dos homens.

Todavia, as narrativas indígenas masculinas deste estudo revelam que não existe imposição às mulheres, que o antagonismo na divisão social dos papéis de homens e mulheres é questão natural no âmbito de cada cultura. E as mudanças que vêm ocorrendo tratam-se literalmente do hibridismo cultural que enfrentam os povos indígenas com os processos de colonização e descolonização no meio acadêmico.

Como as mulheres são deslocadas culturalmente para o espaço privado da família, ocupando poucos espaços de liderança dos movimentos em defesa da causa indígena, os processos de emancipação feminina ainda são elementares, tornando até os desejos das mulheres indígenas de acesso à educação superior uma possibilidade remota em razão da dominação masculina em defesa da cultura, pois são os homens os primeiros a ocupar os espaços de formação como líderes da comunidade.

Como os usos e costumes prevalecem na dominação cultural masculina dos povos indígenas, é perceptível que a cultura de algumas etnias determina as regras de conduta às mulheres indígenas. Neste sentido, selecionamos algumas narrativas que revelam as representações que determinam por que a escola indígena é masculina.

[...] A escola indígena tem mais homens porque na comunidade quando vai escolher as pessoas vão mais pelo lado dos homens.

[...] Acredito que tem mais homens que mulheres porque a comunidade acredita que o homem tem mais argumento de se expressar. As mulheres têm medo de estar conversando com outras pessoas que não seja indígena.

Apesar de as escolas de educação indígena terem um percentual baixíssimo de mulheres em suas instituições de educação básica e superior, constata-se que alguns indígenas ainda não assumiram que a educação escolar está ganhando identidade masculina, ao determinar que são os homens os responsáveis por “abrir o caminho” para as mulheres, como

se elas não fossem capazes de trilhar os seus próprios caminhos na construção de novos espaços que superem as relações dos espaços privados das aldeias.

A liderança indígena feminina Eliane Potiguara⁷ afirma que o contato entre indígenas e não indígenas nem sempre produz “bons frutos”, pois o indígena acaba passando pelo processo de endoculturação ao conviver com a sociedade envolvente.

[...] os homens indígenas, por pressão histórica, continuaram mantendo suas mulheres na retaguarda e conseqüentemente eles, em contato com os colonizadores, acabaram adquirindo os seus maus hábitos e vícios, entre eles o de subjugar e desrespeitar a mulher. Sendo essa uma questão que ainda deve ser revista e analisada.

Se compreendermos a escola indígena como espaço de construção ideológica das culturas indígena e não indígena, podemos considerar que a educação escolarizada pode colaborar para a criação de estereótipos, sendo o professor ou a professora responsável pela manutenção ou quebra desses estereótipos referente às dominações dos antagonismos sexuais entre homens e mulheres.

Arruda & Martins (1993 p. 7) afirma que podemos observar como a nossa sociedade, preocupada com a visão estereotipada da masculinidade, vê com complacência o choro feminino e o recrimina no homem. Pode-se notar com isso que na escola indígena a baixa participação das mulheres está se transformando num dos motivos de preocupação dos professores que estão na universidade passando por um processo de formação na educação superior.

[...] Eu não sei como explicar o número porque tem mais homens no Intercultural, como também no projeto Açaí. Mas nas escolas indígenas tem muito pouco número das meninas. Então significa dizer que tem alguma coisa que tá atrapalhando a questão das meninas nas escolas indígenas.

[...] Vejo, como professor trabalhando em sala de aula, que as mulheres também estão adquirindo o seu espaço. Como exemplo, na minha sala de aula tem mais mulheres que homens.

A História revela que a emancipação humana será obra do próprio ser humano. E as relações antagônicas dos seres humanos são consequência do momento histórico, das experiências vividas, da natureza, do desenvolvimento social e político e das estruturas

⁷ Eliane Potiguara é escritora, professora, formada em Letras (Portuguesas-Literaturas) e Educação. É autodidata em Direitos Indígenas, brasileira de reminiscência indígena Potyguara, fundadora da primeira organização de mulheres indígenas do país (GRUMIN – Grupo Mulher - Educação Indígena).

capitalistas do poder dominante. Todavia, as mudanças causadas por homens e mulheres refletem sobre suas ações, paradigmas, almejando mais uma mudança em que todos, homens e mulheres, tenham direitos de viver em comunhão, em estado de metamorfose.

Não é no silêncio que homens e mulheres se fazem

Qualquer que seja a influência que ocorre na construção das identidades do masculino e feminino nas comunidades indígenas, é forte a influência que emana das esferas privada e pública. Freire (1987, p. 44) nos alerta que não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação e na reflexão. Como os estereótipos e preconceitos são criados historicamente, precisam ser “quebrados” como forma de estabelecer uma ruptura dos antagonismos sexuais construídos em cima dos grupos privados que submetem as mulheres a condições inferiores nas relações sociais das aldeias.

A sociedade envolvente não permite que os discursos das identidades masculinas dos povos indígenas continuem explicitando os preconceitos étnicos de gênero que mostram que os homens são os “super-homens” capazes de abrir caminhos para as mulheres. As mulheres indígenas não são ingênuas e estão determinadas a romper as barreiras necessárias para abrir seus próprios caminhos nos campos híbridos das incertezas da sociedade envolvente.

Do ponto de vista deste estudo, observamos que nas instituições escolares indígenas a participação das mulheres é ainda insignificante. Mas não resta dúvida que é necessário que as famílias, as escolas, as comunidades e os líderes indígenas promovam debates de gênero buscando amenizar as opressão no universo feminino e superar as identidades machistas do mundo masculino nas comunidades indígenas.

A escola (como espaço público) e a família (como espaço privado) são lugares privilegiados para se construir ou ressignificar maneiras estereotipadas dos pensamentos masculino e feminino. Laraia (2009, p. 20) nos ajuda nessa reflexão ao alertar que “o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo que chamamos de endoculturação. Um menino e uma menina agem diferentemente não em função dos seus hormônios, mas em decorrência de uma educação diferenciada”.

Potiguara explica que acima de tudo é preciso formação: “Só com capacitação, seminários, grupos de estudos, organização de oficinas teóricas e práticas entre jovens e líderes masculinos e femininos, se poderá contribuir com uma ação coletiva que caminhe para a igualdade de gêneros entre povos indígenas”, pois a desinformação leva as pessoas a criar preconceitos e estereótipos antagônicos entre os sexos.

Com isso, pode-se constatar que com as mudanças na sociedade envolvente, as mulheres e os homens indígenas estão percebendo que ambos têm capacidades e direitos iguais numa sociedade plural. E que as mudanças devem partir da iniciativa de homens e mulheres. Diferente dos pensamentos que se tinham antigamente, na atualidade homens e mulheres indígenas estão transformando os paradigmas tradicionais e mudando os hábitos preconceituosos, como registramos nas narrativas orais dos nossos informantes.

[...] Antes na cultura quem podia participar mais dos eventos era o homem porque o homem tem mais determinação, que pode buscar conhecimento, o homem tem mais capacidade, mas hoje a gente vê e tem conhecimento de que a mulher também tem capacidade.

[...] A gente tá trilhando outro caminho, adquirindo espaço em outra cultura, então as mulheres vão adquirir seu espaço, a questão da mulher indígena é que ela também tá inserida na questão da educação escolar indígena. E hoje a gente vê que as mulheres também têm o mesmo perfil, mesmas qualidades de ensinar, de tá repassando seu conhecimento.

[...] Na minha comunidade foi diferente, a primeira a ser escolhida para ser professora fui eu, também fui a única que terminei meu estudo.

[...] A questão da educação escolar das mulheres é uma coisa que nós, lideranças indígenas, professores indígenas deveremos sentar com a comunidade e rever essa questão para que mude alguma coisa na educação escolar indígena.

Nesse rumo, Freire (1996, p. 26) nos revela que o ser humano é algo inacabado que está em constante aprendizado. Dessa forma, este estudo compreende que a comunidade e as lideranças indígenas devem construir novos métodos de aprender e ensinar sobre a dimensão humana. E o pensamento dos povos indígenas precisa ir de encontro às necessidades atuais da humanidade.

Freire (1996, p. 26) nos alerta, neste rumo, que foi aprendido socialmente que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar a diversidade e a pluralidade do ser humano.

Dessa forma, os resultados apurados por este estudo revelam que as comunidades indígenas precisam rever conceitos e conhecer os novos paradigmas da sociedade envolvente que levem em consideração as mulheres e os homens nas decisões das comunidades para conviver verdadeiramente com a diversidade e a pluralidade da cultura das sociedades envolventes, que ainda acreditam que a luta pelo verde sem homens e mulheres não tem cor.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993.

BOFF, Leonardo; MURARO, Rose Marie. *Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, Senado, 1998.

Constituição Federal. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/leis1.pdf>>
Acesso em: 3 de maio de 2012, às 20h47.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GRUBITS, Sonia; HARRIS, Ivan Darrault; PEDROSO, Maíra. *Mulheres indígenas: Poder e tradição*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n3/v10n3a03.pdf>>. Acesso em: 4 de maio de 2012, às 08h45.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IBGE. Referência obtida na Internet. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 2 de maio de 2012.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Acesso em 2 de maio de 2012 <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia_demografica/indigenas/tab1_2_6.pdf>

KUPER, Adam. *Cultura: a visão dos antropólogos*. Tradução: Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 23. ed. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2009.

LASMAR, Cristiane. “Mulheres Tukanos e a urbanização no Alto Rio Negro”. In: *Horizontes Plurais: novos estudos de gênero no Brasil*. Organizadores: Cristina Bruschini e Heloísa Buarque de Hollanda. São Paulo, 1998, 416p.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti. *O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)*. 2. ed. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2005.

MICHAELIS. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 10 abr. 2009.

PARO, Vitor Henrique. *Educação como exercício do poder: crítica ao senso comum em educação*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

POTIGUARA, Eliane. *Desafios Sobre Gênero nas Questões Indígenas*. Disponível em: <<http://www.elianepotiguara.org.br/textos2.html>>. Acesso em: 3 de maio de 2012, às 21h28.